



INSTITUTO DE ESTUDOS SUPERIORES MILITARES



# IESM ATUALIDADE

CENTRO DE INVESTIGAÇÃO DE SEGURANÇA E DEFESA

NÚMERO 5

FEVEREIRO 2016

INSTITUTO DE ESTUDOS SUPERIORES  
MILITARES

*AFEGANISTÃO: TREZE ANOS DEPOIS,  
PERSPETIVAS E REFLEXÕES*

AUTOR:

RUI ALMEIDA

TENENTE-CORONEL DA FORÇA AÉREA PORTUGUESA

CENTRO DE INVESTIGAÇÃO DE SEGURANÇA E DEFESA

FEVEREIRO DE 2016

A publicação **IESM Atualidade** visa publicar eletronicamente no sítio do IESM ensaios ou artigos de opinião sobre temas de segurança e defesa da atualidade, preferencialmente da autoria de docentes do IESM, de investigadores do CISDI ou de outros investigadores nacionais ou estrangeiros, a convite do Diretor ou por iniciativa própria. Em princípio não devem incluir bibliografia, mas poderão citar obras de referência em notas de rodapé.

---

*Diretor, em exercício de funções*

Contra-Almirante João Leonardo Valente dos Santos

---

*Editor-chefe*

Major-General Jorge Filipe Marques Côrte-Real Andrade

---

*Coordenador Editorial*

Coronel Lúcio Agostinho Barreiros dos Santos

---

*Núcleo Editorial e Design Gráfico*

Capitão-de-mar-e-guerra Carlos Alberto dos Santos Madureira

---

*Propriedade*

Instituto de Estudos Superiores Militares

Rua de Pedrouços, 1449-027 Lisboa

Tel.: 213 002 100

Fax.: 213 002 179

E-mail: [cisdi@iesm.pt](mailto:cisdi@iesm.pt)

[www.iesm.pt/cisdi/publicacoes](http://www.iesm.pt/cisdi/publicacoes)

---

ISSN 2183-2560

---

© Instituto de Estudos Superiores Militares, 2016

# **AFEGANISTÃO: TREZE ANOS DEPOIS, PERSPETIVAS E REFLEXÕES**

## **Resumo**

No seguimento das profundas transformações ocorridas no Afeganistão durante treze anos de presença internacional, iniciaram-se em 2014 as fases finais dos processos de transmissão da responsabilidade pela segurança nacional, de mudança na liderança governamental e de alteração do apoio militar internacional que importam discutir e entender numa perspetiva holística e interligada (ou interdependente). As expectativas e a intervenção da comunidade internacional, em geral, e dos países limítrofes em particular, relativamente a todos estes processos de transformação, constituem o cerne da abordagem neste artigo, que se desenvolverá segundo uma perspetiva descritiva e prospetiva. Partindo de um enquadramento histórico e conceptual sobre a evolução das ações da comunidade internacional, particularmente da missão militar internacional, apresentam-se observações sobre acontecimentos recentes e discutem-se reflexões, que servirão de base a algumas linhas de pensamento prospetivo. No desenvolvimento das reflexões, o papel e planeamento da componente aérea das forças de segurança e defesa afegãs receberá um detalhe particular, justificado pela complexa e demorada implementação e pelo efeito que a sua falta tem tido nas operações militares. Por se tratar de uma situação de conflito com intervenientes internacionais, o recurso às perspetivas construtivista e realista das relações internacionais contribuirá para alguma compreensão de acontecimentos observados, bem como para a projeção de desenvolvimentos futuros. O recurso ao Construtivismo, particularmente ao de matiz realista proposto por Alexander Wendt (1997), justifica-se pela relevância das características históricas, sociais e culturais presentes na sociedade afegã e na influência que têm tido no desenvolvimento de relações com outros estados e grupos de interesse. Por seu lado o recurso a conceitos do Realismo deve-se ao contexto de conflitualidade existente e à aludida ligação à corrente construtivista.

## **Introdução**

A riqueza da experiência vivenciada através da participação na unidade conjunta de análise política da Missão das Nações Unidas no Afeganistão constitui basta motivação para a partilha de observações e reflexões sobre o conflito afegão. Este artigo, que não se enquadra nos clássicos “*research paper*”, “*policy paper*” ou “*work in progress paper*”, constitui-se como um veículo de partilha e de reflexão, estando mais próximo do conceito de “*occasional paper*”. Será, assim, cingido aos acontecimentos recentes fazendo apelo sempre que necessário a elementos relevantes de forma a garantir uma visão suficientemente abrangente. Embora cientes da complexidade e influência da produção e tráfico de narcóticos no território afegão, este fator de insegurança não será tratado no presente artigo. A estrutura será repartida em três tópicos. Começando com a caracterização do cenário, que inclui uma proposta de classificação do conflito, continuaremos com a apresentação dos protagonistas atuais: forças nacionais afegãs, insurgência e forças internacionais; seguindo-se a situação atual, onde serão abordados: o governo de unidade nacional, a emergência do autodenominado “Estado Islâmico do Levante e do Iraque” no Afeganistão e os atores externos.

## **Caracterização do Cenário**

### **Afeganistão uma guerra civil com muitos atores internacionais.**

Na sequência dos ataques de 11 de setembro de 2001 e após os Estados Unidos terem iniciado ações que culminaram com a deposição do regime afegão, as forças Taliban encetaram a luta armada contra o poder instituído através dos acordos de Bona, visando a reposição do regime deposto. Estas forças têm desenvolvido ações que se enquadram no conceito de guerra subversiva estipulado por Couto (1989, p. 211)<sup>1</sup>, desenvolvida inicialmente contra as denominadas “Autoridade Transitória” e “Autoridade de Transição” afegãs, posteriormente contra os governos estabelecidos e desde sempre contra as forças militares internacionais. Ao longo dos treze anos de conflito, as ações da oposição armada foram sendo adaptadas aos cenários naturais e às capacidades disponíveis, tendo sempre em linha de conta a maximização

---

<sup>1</sup> Couto, A., 1989. *Elementos de Estratégia – Apontamentos para um Curso*. Vol. II, Lisboa: Instituto de Altos Estudos Militares, p. 211.

da exposição mediática, de forma a conquistar apoios e a desmoralizar as forças oponentes. Esta hábil utilização dos meios de comunicação manteve-se ao longo do tempo acompanhando todas as evoluções tecnológicas entretanto surgidas.

Este prolongado conflito afegão enquadra-se no conceito de guerra civil propugnado por vários autores. Obedece à prescrição territorial de Small e Singer (1982, p. 210) que definem guerras civis como as que decorrem numa metrópole de um estado<sup>2</sup> e aos critérios do mesmo autor: de participação ativa do governo no conflito, de evidência de resistência por ambas as partes envolvidas<sup>3</sup> e de ocorrência de mais de 1.000 mortos por ano<sup>4</sup>. Adicionalmente, cumpre com o critério de Sambanis (2004, p. 829) uma vez que as partes envolvidas no conflito têm estruturas militares e políticas e anunciaram publicamente os seus objetivos políticos<sup>5</sup>.

O conflito afegão, de acordo com o modelo de análise de conflitos proposto por Gleditsch<sup>6</sup> que considera duas dimensões para classificação de conflitos, uma territorial, utilizada para determinar o tipo de conflito e outra quantitativa para definir o nível de violência, enquadra-se na tipologia de guerra de intensidade elevada, por ultrapassar os 1.000 mortos ano, e de guerra intra-estatal internacionalizada, por se realizar em território de uma nação com envolvimento de forças internacionais. A asserção de que o conflito afegão é uma guerra civil, não é original, já em 2010, Ryan Leigh, um oficial norte-americano, elaborou uma monografia<sup>7</sup>

---

<sup>2</sup>Small, M. & Singer, J.D., 1982. *Resort to Arms: International and Civil War, 1816-1980*, Beverly Hills, Calif.:Sage. p. 210.

<sup>3</sup> De acordo (Small & Singer, 1982, p. 215) a evidência de resistência é observada através da verificação do facto de pelo menos 5% das baixas serem infligidas pela parte mais fraca no conflito. Considerando os Taliban a parte mais fraca do conflito e tendo como referência o número de vítimas mortais no seio das forças de segurança e defesa afegãs (26.966) os 5% são ultrapassados.

<sup>4</sup> Entre 2001 e 2014 o número de vítimas mortais nas forças de segurança e defesa afegãs foi de 23.470, adicionando este quantitativo aos 3.496 elementos das forças da coligação internacional mortos no mesmo período atinge-se um total de 26.966 elementos das forças de segurança e defesa mortos. No mesmo período o número de civis mortos foi de 26.270. Quantitativos obtidos em Crawford, N., 2015. *War-Related Death, Injury, and Displacement in Afghanistan and Pakistan 2001 – 2014*, Watson Institute International & Public Affairs, Brown University, Costs of War. p. 18 [Em linha] Disponível em: <http://watson.brown.edu/costsofwar/files/cow/imce/papers/2015/War%20Related%20Casualties%20Afghanistan%20and%20Pakistan%202001-2014%20FIN.pdf> [Consult. 23 out. 2015]

<sup>5</sup> Sambanis, N., 2004. What is Civil War? Conceptual and Empirical Complexities of an Operational Definition. *The Journal of Conflict Resolution*, [Em linha] 48(6), pp. 814–858 Disponível em: [http://www.jonathanmpowell.com/uploads/2/9/9/2/2992308/sambanis\\_2004jcr\\_-\\_what\\_is\\_civil\\_war.pdf](http://www.jonathanmpowell.com/uploads/2/9/9/2/2992308/sambanis_2004jcr_-_what_is_civil_war.pdf) [Consult. 29 Out. 2015]

<sup>6</sup> Gleditsch, N. P. et al, 2002. Armed Conflict 1946–2001: A New Dataset. *Journal of Peace Research*. [Em linha] 39(5), pp. 615–637 Disponível em: [http://www.uky.edu/~clthyn2/PS439G/readings/gleditsch\\_et\\_al\\_2002.pdf](http://www.uky.edu/~clthyn2/PS439G/readings/gleditsch_et_al_2002.pdf) [Consult. 17 out. 2015]

<sup>7</sup> Leigh, R., 2010. *Thinking the Unthinkable: Civil War in Afghanistan*, Fort Leavenworth, Kansas: School of Advanced Military Studies United States Army Command and General Staff College. [Em linha] Disponível em: [www.dtic.mil/dtic/tr/fulltext/u2/a536459.pdf](http://www.dtic.mil/dtic/tr/fulltext/u2/a536459.pdf) [Consult. 19 Dez. 2015]

em que considerava o conflito afegão uma guerra civil e onde debatia a adequação das operações de contrainsurgência perante um conflito de natureza diferente, defendendo que uma guerra civil requererá muito maior esforço do governo que uma contrainsurgência. Leigh percorre a bibliografia respeitante ao conceito de guerra civil e transporta vários critérios para um quadro onde é apresentada a comparação entre insurgência e guerra civil aplicado ao caso afegão.

<b>Critério</b>	<b>Insurgência</b>	<b>Guerra Civil</b>
1.000 mortos por ano	X	X
Desafio à soberania do Estado	X	X
Decorre no território do Estado em questão	X	X
O Estado é um dos principais combatentes	X	X
Luta pelo controlo nacional da governação	X	X
Suplantar / substituir instituições governamentais		X
Oposição militar rebelde organizada		X

**Figura 1 – Critério para classificar uma guerra civil.**

Fonte: Tradução pelo autor do quadro “Criteria for Classifying a Civil War” Leigh, R., 2010. *Thinking the Unthinkable: Civil War in Afghanistan*, Fort Leavenworth, Kansas: School of Advanced Military Studies United States Army Command and General Staff College. p. 23 [Em linha] Disponível em: [www.dtic.mil/dtic/tr/fulltext/u2/a536459.pdf](http://www.dtic.mil/dtic/tr/fulltext/u2/a536459.pdf) [Consult. 19 Dez. 2015]

Adicionalmente, para melhor caracterizar o conflito afegão importa referir que o complexo mosaico étnico da população afegã e a sua distribuição territorial não são alheios à estrutura Taliban, verificando-se que uma ampla maioria das suas fileiras é preenchida com elementos da comunidade Pashtun e que as regiões onde obtém apoios mais amplos e duradouros são as de maioria Pashtun. Esta afirmação não pretende de forma alguma generalizar que os elementos da etnia Pashtun são Talibans, até porque se estima que a população Pashtun ascenda a mais de 10 milhões, representando aproximadamente 40%<sup>8</sup> da totalidade dos 32 milhões de afegãos<sup>9</sup>, o que é de todo incomparável com os 60.000<sup>10</sup> Talibans considerados na estimativa

<sup>8</sup> A opção pelo valor de 40% na distribuição étnica da população afegã não é consensual, uma vez que na literatura são encontrados valores que variam de 38 a 62%, conforme a lista em Hewad Afghanistan, s.d., *The ethnic composition of afghanistan in different sources*. [Em linha] Disponível em: <http://www.hewad.com/ethnic.htm> [Consult. 21 set. 2015]

<sup>9</sup> The World Bank, 2015. Data by Country: Afghanistan. [Em linha] Washington D.C.: The World Bank. Disponível em: <http://data.worldbank.org/country/afghanistan?display=map> [Consult. 11 out. 2015]



mais elevada. Estes elementos quantitativos demonstram igualmente que não se trata de um conflito étnico, porque as forças envolvidas não representam o grupo étnico envolvido.

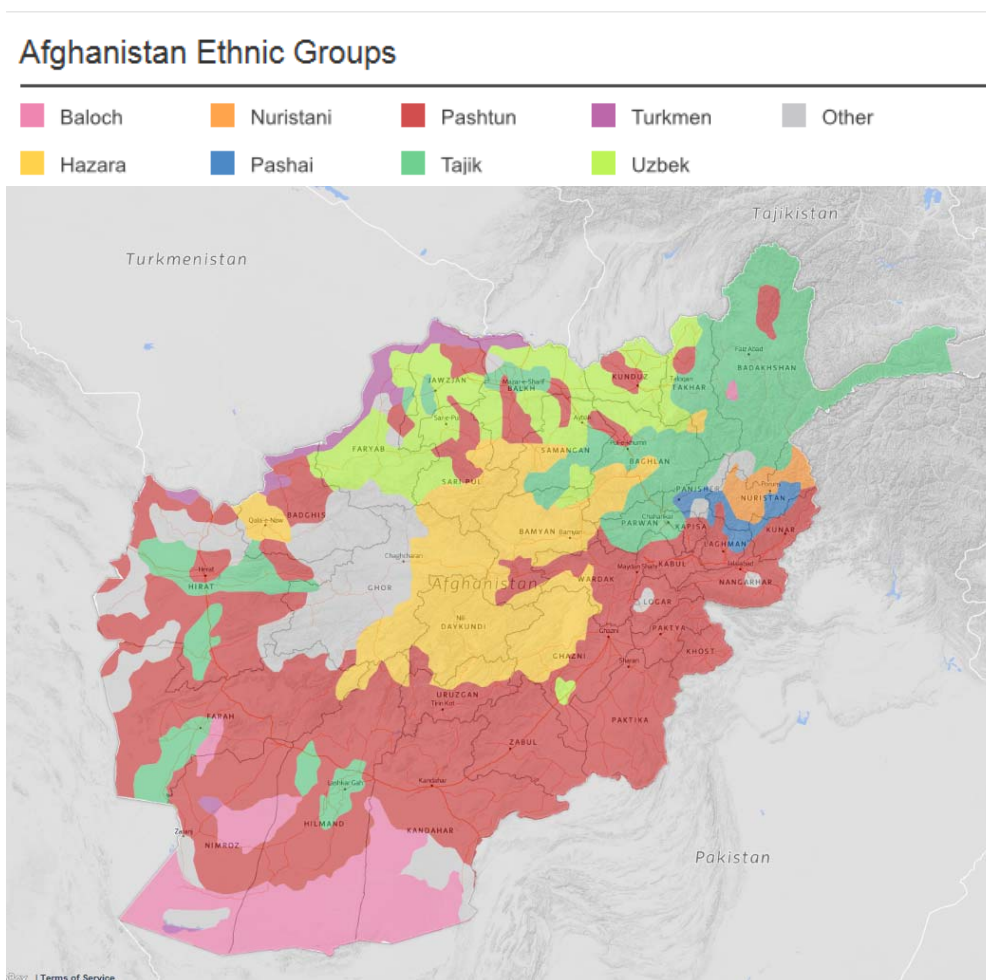


Figura 2 - Mapa da distribuição étnica no território afegão.

Fonte: Composição própria baseada no recurso existente em National Democracy Institute, s.d., *Afghanistan Election Data*. [Em linha] Disponível em: <http://afghanistanelectiondata.org/open/maps/tiles/afghanistan-ethnic-groups> [Consult. 7 out. 2015]

Outro elemento a considerar é a existência de uma liderança organizada e uma estrutura de governo sombra, que compreende responsáveis para muitas das funções do estado, incluindo representantes da liderança Taliban, na qualidade de governadores de província e

<sup>10</sup> Dawi, A., 2014. Despite massive Taliban death toll no drop in insurgency. *Voice of America*. [Em linha] March 06. Disponível em: <http://www.voanews.com/content/despite-massive-taliban-death-toll-no-drop-in-insurgency/1866009.html> [Consult. 13 out. 2015]

administradores de distrito, responsáveis pela justiça<sup>11</sup>, pela educação, sempre com uma ampla representação regional. Este aspeto é muito relevante num país com a dimensão territorial (aproximadamente sete vezes o território nacional português) e características orográficas do Afeganistão, uma vez que o acesso a muitas das 34 províncias é condicionado, não só pelas questões de segurança, como também pela meteorologia e pela ausência de uma rede viária fiável. Desta forma, as autoridades locais representantes do poder legítimo competem diretamente com a estrutura sombra Taliban<sup>12</sup>, que embora nalgumas províncias seja mais simbólica do que atuante, não descarta a manutenção desta estrutura paralela, procedendo à substituição dos membros mortos ou capturados com uma celeridade notável, que contrasta com a frequente demora na substituição dos representantes oficiais<sup>13</sup>.

### **A estrutura social afegã**

A sociedade afegã é caracterizada pela diversidade étnica, com distribuição territorial descontínua, e por incorporar elementos resultantes de um complexo processo histórico com raízes milenares. Ao complexo mosaico étnico acresce uma matriz histórica mista, com origem no império Persa e na expansão Islâmica, existindo ainda evidência da influência das potências dominantes em cada momento histórico, China, Índia, Rússia e Grã-Bretanha.

Sendo o território afegão central no continente asiático, a influência externa foi muitas vezes exercida pela força, tendo por objetivo controlar a posição estratégica que o território afegão de facto ocupa. Embora existam evidentes sinais<sup>14</sup> de interdependência complexa<sup>15</sup> entre os estados da região, a ausência de instituições regionais fortes cria as condições para a prevalência das relações bilaterais, não se observando a evolução benigna que leva à cooperação, propugnada por Keohane e Nye (2001). A sucessão de tentativas de domínio territorial do

---

<sup>11</sup> Giustozzi, A., et al., 2012. *Shadow Justice: How the Taliban run their judiciary?*, Kabul: Integrity Watch Afghanistan.

<sup>12</sup> Na área da justiça é frequente os cidadãos submeterem as suas questões à estrutura Taliban devido à elevada corrupção e inoperância observada nas autoridades judiciais estatais.

<sup>13</sup> A título de exemplo refira-se a substituição do governador “sombra” da província de Takhar em menos de quinze dias. Mawlawi Mohammad Ismai foi morto em 9 de novembro de 2014 e antes 25 de novembro de 2014 o seu substituto Mawlawi Salamuddin já estava em funções.

<sup>14</sup> Os sinais de interdependência são observáveis nas trocas associadas a recursos hídricos e energéticos e ainda nas vias de acesso a portos de mar. Exemplo dessas trocas são os acordos de gestão de caudais hídricos ou o projeto do *pipeline* para transporte de gás natural ligando o Turquemenistão, Afeganistão, Paquistão e Índia financiado pelo Banco de Desenvolvimento Asiático. Informação sobre este projeto [Em linha] Disponível em: <http://www.adb.org/projects/44463-013/main> [Consult. 29 out. 2015]

<sup>15</sup> Keohane, R. & Nye J., 2001. *Power and Interdependence: World Politics in Transition*. New York: Longman. 3ª Ed.

Afganistão criou no povo afegão um sentido nacional<sup>16</sup> e uma unidade na resistência a ameaças externas improvável num estado com tantos matizes étnicos. Esta unidade perante o inimigo estrangeiro é ainda mais notável se se considerar que o maior grupo étnico - os Pashtun - estão estruturados em mais de 300 unidades de natureza tribal<sup>17</sup>, que por serem significativamente conflitantes entre si afetam igualmente o equilíbrio e unidade dentro da estrutura Taliban. Todavia, as divergências enraizadas não se cingem a questões dentro das tribos Pashtun. Outros grupos étnicos tem significativas questões em torno de personalidades dominantes, usualmente ex-comandantes da guerrilha antissoviética ou anti-taliban, que polarizam os membros desses grupos étnicos<sup>18</sup>, frequentemente entre si. Todas estas complexas ligações afetam o panorama partidário afegão, em que os partidos políticos representam grupos, maioritariamente grupos étnicos, e não dispõem de verdadeira representatividade nacional. Tal não significa que o partido que mais representa a etnia Pashtun detenha maioria parlamentar no sistema bicameral afegão, em parte pela menor ligação da população Pashtun com a atividade política que se seguiu ao derrube do regime Taliban e pela existência de vários partidos de base Pashtun.

As dinâmicas presentes na sociedade afegã, nomeadamente as de natureza étnica e tribal têm pautado muitos dos acontecimentos observados na esfera doméstica e no domínio internacional, devido à existência de grupos étnicos e tribais com laços transfronteiriços. Os efeitos que elementos culturais e históricos podem ter na política internacional, tais como a complexidade étnico-tribal (que é uma base de estruturas sociais), estão prescritos no modelo construtivista de Alexander Wendt<sup>19</sup>. Este modelo, em oposição ao neorealismo de Waltz (1979)<sup>20</sup>, preconiza uma relação mutuamente constitutiva entre agente e estrutura do sistema internacional, considerando que a estrutura do sistema é formada pela distribuição das ideias e do conhecimento, podendo assumir três formas básicas de conhecimento partilhado, que Wendt denomina de: hobbesiana, lockeana ou kantiana<sup>21</sup>, caracterizadas respetivamente pela perceção

---

<sup>16</sup> A este propósito note-se a afirmação de sentido nacional na resposta à questão sobre identidade obtida na sondagem de opinião elaborada em 2009 pelas televisões ABC News, BBC e ARD German TV em que 72% dos inquiridos sobre " Identification: Do you think of yourself as an Afghan first, or a (RESPONDENT'S ETHNIC GROUP) first?" responderam Afegão. [Em linha] Disponível em: <http://abcnews.go.com/images/PollingUnit/1083a1Afghanistan2009.pdf> [Consult. 20 out. 2015]

<sup>17</sup> Romano, A., 2003. *A Historical Atlas of Afghanistan*. New York: The Rosen Publishing Group.

<sup>18</sup> São exemplo Ismail Khan, antigo governador de Herat, e Atta Noor, governador interino de Balkh, ambos de etnia Tadjique que disputam a supremacia no partido mais representativo da sua etnia, o Jamiat-e Islami.

<sup>19</sup> Wendt, A., 1999. *Social Theory of International Politics*. Cambridge: Cambridge University Press.

<sup>20</sup> Waltz, K., 1979. *Theory of International Politics*. 1st ed. New York: McGraw-Hill

<sup>21</sup> Wendt adota o nome de três autores ligados respetivamente a cada um dos tipos de relacionamento entre os agentes: Thomas Hobbes, John Locke e Immanuel Kant.

do comportamento dos agentes através de um contexto de inimizade, rivalidade ou amizade. Por sua vez cada uma das formas de distribuição de ideias e conhecimento partilhado têm três níveis de internalização, correspondentes à sua adoção por coerção, interesse próprio, ou legitimidade. O Construtivismo de Wendt divide ainda o sistema em micro e macroestrutura, sendo a primeira respeitante às interações entre agentes e a segunda ao sistema como um todo. É no micro sistema que o conhecimento e a distribuição de ideias atuam, determinando uma das três formas básicas de conhecimento. Desta forma o subsistema regional, micro, em que o Afeganistão se insere estará muito próximo da forma lockeana, em que os agentes se veem como rivais que reconhecem normas de soberania, mas que estão no primeiro grau de internalização, ou seja a rivalidade é imposta pela coerção exercida por agentes com poder superior (tais como os Estados Unidos da América).

## **Os Protagonistas Atuais**

### **As forças nacionais afegãs**

A estrutura das forças nacionais afegãs resultou da necessidade de apetrechar o aparelho do novo estado afegão com forças armadas e de segurança aptas a garantir a defesa do Estado, a integridade do território e a segurança do povo afegão. O modelo de Estado afegão, assim como o das suas forças armadas e de segurança, foi estabelecido através de conferências internacionais que resultaram nos acordos de Bona e na base constitucional daí derivada. O desenvolvimento e capacitação das forças armadas e de segurança afegãs foram efetuados com apoio, supervisão e orientação das forças internacionais, cabendo especial relevo ao papel dos Estados Unidos da América e da NATO, que apenas um ano após a intervenção norte-americana estabeleceu uma missão em território afegão.

A criação das estruturas das forças armadas e de segurança afegãs incluiu inúmeros quadros das forças que combateram o regime Taliban, o que originou uma predominância nas mais altas patentes de ex-comandantes das forças da aliança do norte<sup>22</sup>, maioritariamente da etnia Tadjique, Uzbeque e Turcomana. Essa tendência não se cingiu aos mais altos quadros e desequilibrou a representatividade da estrutura étnica nacional nas forças nacionais afegãs.

---

<sup>22</sup> Coligação de forças constituída em 1996 para combater os Taliban, integrando as forças dos partidos: Jamiat-e Islami e Harakat-e Islami (ambos Tadjiques, o primeiro sunita e o segundo xiita), Eastern Shura (Pashtun), Harakat-e Islami (Tadjique xiita), Hezb-e Wahdat (Hazara xiita) e Junbish-i Milli (Uzbeque e Turcomano).

Tendo a estrutura de forças de segurança sido desenvolvida em antecipação à estruturação do Exército nacional afegão, é no seio das forças dependentes do Ministério do Interior e da Direção Nacional de Segurança que se encontra maior evidência desse predomínio, havendo autores que referem que estes departamentos são controlados pela etnia Tajique<sup>23</sup>. Entretanto na atualidade, com o crescimento do Exército nacional afegão, com exceção dos mais elevados cargos, a distribuição étnica dentro das forças afegãs já replica o mosaico étnico nacional numa perspetiva global das forças de segurança e defesa.

O treino, equipamento e suporte financeiro para a constituição das forças armadas e de segurança afegãs tem sido suportado pela comunidade internacional. A tecnicidade do treino do combatente moderno e os equipamentos operados constituíram parte dos mais elevados encargos com a capacitação das forças afegãs. Acresce que no caso do Exército nacional afegão a natureza do vínculo voluntário adotado implica uma grande estrutura de formação e treino e introduz dificuldades adicionais, uma vez que a elevada atrição por um lado e os quantitativos obtidos pela via do recrutamento por outro não têm permitido atingir os efetivos acordados<sup>24</sup> com os dados internacionais.

A implementação da Força Aérea do Afeganistão<sup>25</sup> tem sido um dos projetos que mais dificuldade tem enfrentado. O país, que tem um passado aeronáutico e aeroespacial relevante, dispôs na década de mil novecentos e oitenta de uma Força Aérea moderna e quantitativamente bem apetrechada, dentro da matriz soviética, em que não faltou a participação de um astronauta afegão no programa espacial soviético. No entanto, na década que antecedeu a intervenção das forças norte-americanas, a Força Aérea do Afeganistão literalmente desapareceu. O esforço da comunidade internacional no sentido de restaurar a componente militar aérea tem sido sujeito a

---

<sup>23</sup> "After 2001, the Ministry of Defense (MOD), the National Directorate of Security (NDS) and the MOI were all Tadjik-owned" conforme Fescharek, N., 2013, *The German Police Project Team (GPPT) and the "Capacity To Do Capacity Building", Recherches & Documents*, [Em linha] 10, p. 22 Disponível em: [http://www.academia.edu/7946725/RD\\_201310-5](http://www.academia.edu/7946725/RD_201310-5) [Consult. 7 out. 2015]

<sup>24</sup> United States of America, Department of Defense. 2015. *Enhancing Security and Stability in Afghanistan*. [Em linha] p. 22 Disponível em: [www.defense.gov/Portals/1/Documents/pubs/1225\\_Report\\_Dec\\_2015\\_-\\_Final\\_20151210.pdf](http://www.defense.gov/Portals/1/Documents/pubs/1225_Report_Dec_2015_-_Final_20151210.pdf) [Consult. 17 dez. 2015]

<sup>25</sup> Persistem referências pouco claras relativamente à inclusão como componente aérea do Exército Nacional Afegão ou à autonomia como segundo ramo das Forças Armadas do Afeganistão. No recente relatório do Departamento de Defesa dos Estados Unidos da América é referida como componente Aérea integrando o Exército Nacional Afegão conforme United States of America, Department of Defense. 2015. *Enhancing Security and Stability in Afghanistan*. [Em linha] p. 40 Disponível em: [www.defense.gov/Portals/1/Documents/pubs/1225\\_Report\\_Dec\\_2015\\_-\\_Final\\_20151210.pdf](http://www.defense.gov/Portals/1/Documents/pubs/1225_Report_Dec_2015_-_Final_20151210.pdf) [Consult. 17 dez. 2015]

diversos reveses, entre os quais se inclui a deserção de pilotos em fase de treino no estrangeiro e as dificuldades contratuais relacionadas com a aquisição e sustentação de meios aéreos.

Pela relevância na transição de responsabilidades das forças militares internacionais para as forças afegãs e pela importância no teatro de operações afegão, importa detalhar a situação corrente e o plano de desenvolvimento das capacidades da componente aérea afegã. No recente relatório do Departamento de Defesa dos Estados Unidos da América dedicado ao Afeganistão<sup>26</sup> é expressa a preocupação com as capacidades da respetiva Força Aérea. O mesmo relatório elenca a existência de 24 aviões de transporte C-208 (pequeno avião com capacidade de transporte de 8 passageiros), 4 aviões Hercules C-130, 49 helicópteros de transporte MI-17, estando 14 apetrechados com armamento adaptado para missões de Apoio Aéreo Próximo, e 10 helicópteros MD-530F “Cayuse Warrior”. Importa ainda referir a existência de um Grupo Aéreo Especial (Special Mission Wing) dedicado primariamente a operações de forças especiais, que conta com 35 helicópteros MI-17 para transporte e 17 aviões PC-12 que providenciam supervisão e alguma vigilância às operações das forças especiais. O inventário inclui ainda 1 helicóptero de ataque MI-35 que requer revisão até fevereiro de 2016.

Por outro lado, está planeada a entrega dos primeiros 4 de 20 aviões A-29 SuperTucano, no final de 2015. Admite-se que, com a chegada de todos os meios previstos, a Força Aérea poderá realizar missões de Apoio Aéreo Próximo e evacuações médicas.

Contudo persistem lacunas em tripulações qualificadas para todas as plataformas: a título de exemplo refira-se que para os 24 C-208 estão disponíveis apenas 17 tripulações e, no início do segundo semestre de 2015, para os 4 C-130 existia apenas uma tripulação qualificada. Faltam desenvolver capacidades essenciais para potenciar a utilização dos meios aéreos e o sucesso das operações militares em geral. Referimo-nos à capacidade para realizar missões de Reconhecimento Vigilância e Informações “Intelligence, Surveillance and Reconnaissance” (ISR) que ainda está a ser assegurada pelas forças internacionais. Num cenário de alta volatilidade como o do conflito afegão, com as características orográficas que o território apresenta, a obtenção coordenada e integrada de informação sobre os oponentes e sobre os efeitos das operações realizadas são essenciais para a condução e continuação bem-sucedida da atividade operacional. Finalmente, o Departamento de Defesa dos Estados Unidos da América

---

<sup>26</sup> United States of America, Department of Defense. 2015. *Enhancing Security and Stability in Afghanistan*. [Em linha] p. 54 Disponível em: [www.defense.gov/Portals/1/Documents/pubs/1225\\_Report\\_Dec\\_2015 - Final\\_20151210.pdf](http://www.defense.gov/Portals/1/Documents/pubs/1225_Report_Dec_2015_Final_20151210.pdf) [Consult. 17 dez. 2015]

considera que irá ser necessário suporte internacional durante vários anos para um efetivo desenvolvimento da Força Aérea Afegã.



**Figura 3 – Da esquerda para a direita, de cima para baixo, aviões Hercules C-130 e Cessna C-208, helicópteros MI-17 e MD-530F e avião A-29B Super Tucano.**

Fonte: Composição própria baseada nas fotos das fontes [Em linha] Disponíveis respectivamente em: <http://www.rs.nato.int/article/isaf-news/first-all-afghan-c-130-crew-takes-to-the-air.html>, <http://www.af.mil/News/ArticleDisplay/tabid/223/Article/109808/afghan-air-force-advances-battlefield-support-tactics.aspx>, <http://www.af.mil/News/Photos.aspx?igphoto=2000755546>, <http://www.janes.com/article/54845/afghan-md-530f-lost-to-accident-air-force-criticises-helicopter-s-performance> e <http://www.af.mil/News/Photos.aspx?igphoto=2001293536> [Consult. 21 set. 2015]

O envolvimento das forças nacionais de segurança e defesa afegãs em operações de contrainsurgência, ao longo do ano de 2015, tem revelado tremendas carências na coordenação, comando e controle. Essas lacunas têm comprometido o sucesso de operações e têm criado sérios embaraços para o governo de unidade nacional. A cidade de Kunduz, por exemplo, defendida por um efetivo estimado em 7.000 elementos (incluindo Exército, Polícia e Polícia Local) foi atacada por algumas centenas de insurgentes que a tiveram sob seu controle durante duas semanas. A coordenação deficiente, apontada como uma das principais razões para o insucesso das forças governamentais em Kunduz, é a maior evidência da inexistência de uma

efetiva estrutura de comando e controlo<sup>27</sup>. A Polícia e o Exército nacional afegão foram criados a partir de estruturas de mujahidin, que transpuseram a sua prática e cultura de comando para as novas instituições, evidenciando significativa dificuldade em integrar uma estrutura de comando. Ainda usando como referência a recente tomada de Kunduz, existem alegações de combinação prévia entre forças afetas ao governo e os Taliban, no sentido de ceder posições sem resistência. Este episódio constituiu um sério revés para o Governo, agravado pelo facto de Kunduz ter sido apontada como modelo para as relações entre Cabul e as capitais provinciais. O Presidente tinha nomeado, em novembro de 2014, um governador<sup>28</sup> qualificado e alheio a estruturas de corrupção, que por ser de etnia Pashtun e por ser alheio às referidas estruturas, não teve aceitação pelas instituições de poder locais, incluindo as forças de segurança, que sistematicamente minaram a sua atuação, agindo como rivais e recorrendo a litigância e desobediência. Refiriram-se o vice-governador e o chefe de polícia em Kunduz, ambos de etnia Tajique, membros do partido Jamiat-e Islami e designados pelo Chefe Executivo do Governo Abdullah<sup>29</sup> como forma de equilíbrio entre os dois líderes do governo.

Além das denominadas forças regulares, foram criadas várias componentes de polícia local sob influência das forças internacionais. Esta componente, atualmente conhecida com Polícia Local Afegã “Afghan Local Police” (ALP), envolve 28.000 efetivos distribuídos por vários distritos. Estas forças têm suportado as mais elevadas taxas de baixas devido: à exposição em áreas remotas e disputadas; ao deficiente treino; e ao uso de equipamento e armamento limitado. A perceção do desempenho da ALP é muito variável, havendo áreas em que a sua atividade é reconhecida como muito positiva, enquanto noutras, a par de alegações sobre a sua duvidosa fidelidade ao governo afegão, existem inúmeras queixas da população relativamente ao seu comportamento, com relatos de violência gratuita, extorsão e violação de direitos humanos.

---

<sup>27</sup> O inquérito iniciado pelo governo afegão sobre a tomada de Kunduz não foi tornado público na íntegra contudo o responsável pela investigação, Amrullah Saleh, um ex director dos serviços de informação afegãos, em declarações à imprensa referiu deficiências na coordenação deficiente e no comando e controlo.

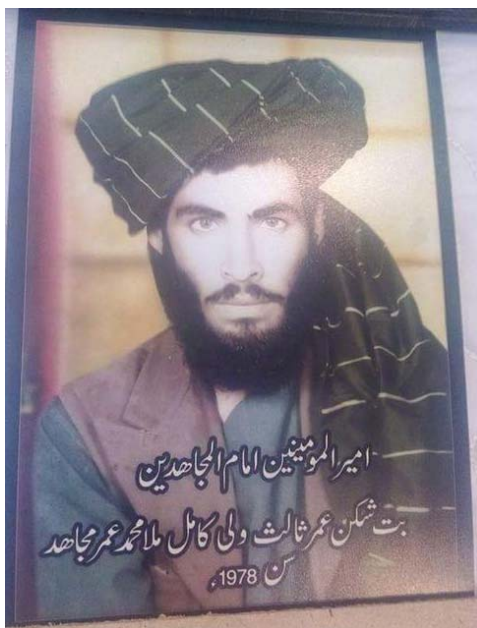
<sup>28</sup> O cargo de governador provincial no Afeganistão é um dos cargos públicos mais relevantes, é tremendamente disputado e dispõe de grande poder executivo.

<sup>29</sup> O Governo de Unidade Nacional no poder desde 29 de setembro de 2014, resulta de um acordo negociado entre os dois candidatos presidenciais mais votados na primeira volta das eleições presidenciais, Ghani e Abdullah. Perante a fraude massiva registada nas votações em favor de ambos os candidatos e após um difícil processo de recontagem de votos foi atribuída a vitória a Ashraf Ghani na condição de um acordo que incluísse a partilha de poder com o outro candidato, Abdullah.



## A insurgência

As forças insurgentes são compostas maioritariamente pelos denominados Taliban que, desde o anúncio da morte do seu líder fundador, Mullah Omar (ocorrida em 2013 mas só anunciada em final de julho de 2015), se encontram em processo de sucessão com evidentes sinais de divisões internas.



**Figura 4 – Fotografia do líder fundador do movimento Taliban, Mullah Mohammed Omar, em 1978.**

Fonte: [Em linha] Disponível em: <http://shahamat-english.com/omar-iii-from-the-slum-to-emirate/>

[Consult.1nov.2015]

Outros protagonistas são: a rede Haqqani, operando independentemente, mas sob liderança Taliban; o Hezb-e-Islami Gulbudin, o movimento Taliban paquistanês Tehrik-e-Taliban Pakistan (TTP); o Jundullah; o Movimento Islâmico do Uzbequistão (no acrónimo em língua inglesa IMU); e, recentemente, o autodenominado Estado Islâmico do Levante e do Iraque “Islamic State in Iraq and the Levant” (ISIL<sup>30</sup>). De entre os elencados só abordaremos os Taliban e o ISIL pela importância e relevo na compreensão da situação atual afegã. A abordagem respeitante ao ISIL é remetida para a parte respeitante à situação atual.

Os Taliban na sua génese surgiram em 1994, como um movimento de base religiosa germinado em Kandahar no seio da etnia Pashtun, no período de completo caos em que o país

---

<sup>30</sup> Não obstante as estruturas de segurança afegãs terem banido o uso do acrónimo ISIL utilizando o termo Daesh, por considerarem que “Estado Islâmico é a República Islâmica do Afeganistão”, adotaremos o mais comum acrónimo pelo qual esta organização é conhecido e que é o adotado pelas Nações Unidas.

caiu a seguir à retirada soviética, que visava a proteção contra o banditismo e a extorsão. Este movimento projeta um modelo de estado baseado na religião, com uma visão supra-tribal e supra-étnica, apresentada como sendo de âmbito nacional<sup>31</sup>. A sua visão estrita da Lei Islâmica tornou-se uma alternativa bem recebida por muitos afegãos, por proporcionar o estabelecimento de uma ordem, que contrastava com a situação caótica resultante da guerra civil de elevadíssima intensidade então vivida. Por este motivo obteve apoio popular, particularmente nas regiões rurais do Sul e Este do território. Todavia, mesmo nestas regiões, que mais se identificavam com as propostas Taliban, ocorreram conflitos entre as práticas tradicionais e as regras impostas pelo novo poder. Exemplo disso é a proibição estipulada pelos Taliban da disseminada “bacha bazi”, uma prática pedófila.

Para além dos tópicos militares, a administração da justiça tem sido um dos temas prioritários na agenda Taliban, que para o efeito adotaram modelos que facilitam o acesso das populações à justiça, onde se destaca a utilização de tribunais móveis, reconhecidos pelas rápidas decisões baseadas na lei islâmica. A ausência e mau desempenho<sup>32</sup> das autoridades nacionais num dos pilares do estado proporcionaram aos Taliban a oportunidade para se apresentarem e serem percebidos, por largas partes da população, como plena alternativa ao governo afegão.

No ano de 2015, após a saída da maioria das forças militares internacionais de território afegão, os Taliban iniciaram a ofensiva intitulada Azm. Esta palavra, que significa nova resolução ou determinação, tem estado bem em afegãos e tendo sempre a iniciativa do seu lado. Durante o corrente ano (2015), os Taliban desencadearam evidência pelo elevado empenhamento demonstrado nas operações militares, realizadas com sentido de oportunidade, dotadas do fator surpresa, tirando vantagem da má organização das forças de segurança e defesa surpreendentes ofensivas no norte do Afeganistão, sem diminuir a pressão nas regiões onde detêm mais apoios: Sul, Sudeste e Este. De facto, no norte a pressão foi de tal forma bem-sucedida que lograram tomar uma capital provincial e mantê-la sob controlo durante duas semanas, ao mesmo tempo

---

<sup>31</sup> Ruttig, T., 2010. *How Tribal Are the Taleban*, Afghanistan Analysts Network. [Em linha] Disponível em: <http://www.afghanistan-analysts.org/wp-content/uploads/downloads/2012/10/20100624TR-HowTribalAretheTaleban-FINAL.pdf> [Consult. 27 set. 2015]

<sup>32</sup> O Afeganistão ocupa as últimas posições em vários fatores avaliados no World Justice Project - Rule of Law Index, 2015. Ocupando a penúltima posição no que diz respeito ao fator denominado “Civil Justice” que avalia a Justiça, no que diz respeito a: disponibilidade e possibilidade de acesso, ausência de discriminação, corrupção e influência inapropriada por parte de autoridades e ainda a imparcialidade e a eficácia dos mecanismos alternativos de resolução de disputas. World Justice Project, 2015. *Rule of Law Index, Washington*. [Em linha] Disponível em: [http://worldjusticeproject.org/sites/default/files/roli\\_2015\\_0.pdf](http://worldjusticeproject.org/sites/default/files/roli_2015_0.pdf) [Consult. 3 out. 2015]

que pressionaram outras áreas do norte, do sul e do sudeste do território. O sucesso obtido resultou, não só do mau desempenho das forças de segurança e defesa afegãs, mas também da capacidade de coordenação patenteada pelas forças Taliban. Souberam tirar partido das condições conjunturais, atacando no final de um período de feriados religiosos<sup>33</sup>, que utilizaram para se pré-posicionar. Na véspera desse feriado, foi difundida através da Internet uma mensagem do autoproclamado e contestado líder Taliban, Mullah Akhtar Mansour, numa evidente antecipação do ataque que iria ocorrer. Nessa mensagem foi mencionado que os combatentes Taliban deveriam respeitar civis e a atividade das organizações não-governamentais.



**Figura 5 – Sítio Internet dos Taliban.**

Fonte: [Em linha] Disponível em: <http://shahamat-english.com/> [Consult. 1 nov. 2015]

Na sequência do ataque a Kunduz, foram levadas a cabo várias operações contra distritos nas regiões do norte do Afeganistão que estão na origem da recolocação de quatro escritórios das

<sup>33</sup> O ataque a Kunduz inicia-se às primeiras horas do primeiro dia após o Eid ul Adha, celebração religiosa muito importante no contexto Islâmico.

Nações Unidas: Kunduz; Faizabad na província de Badakhshan; Pul-e Khumri na província de Baghlan; e Maymana na província de Faryab. Estas recolocações foram acompanhadas de um aumento da perceção de controlo de território por parte dos Taliban que, no entanto, em 14 de outubro de 2015, se cingia a 11 distritos de um total de 399: um na região oeste; cinco na região sul; e cinco na região norte. Contudo, existem muitos distritos com controlo muito disputado pelos Taliban, de tal forma que em muitos casos apenas os Centros Administrativos Distritais se encontram sob controlo do governo, vivendo sitiados em zonas de controlo Taliban<sup>34</sup>. Com este controlo sob largas áreas do território, e sem que as forças governamentais disponham de capacidade ISR adequada, os Taliban deslocam-se em número apreciável e sem oposição eficaz, assegurando o funcionamento de estruturas paralelas de governo, aplicando impostos e administrando justiça, bem como condicionando o ensino e até a saúde. Para assegurarem o funcionamento das estruturas paralelas de governo, os Taliban adaptaram a sua estrutura interna, de molde a conter departamentos especializados na coordenação da Justiça e Tribunais (refira-se que existem tribunais distritais, provinciais e um supremo), da Saúde, da Educação e da Economia, existindo mesmo um Departamento dedicado às Minas<sup>35</sup>, sendo conhecida a exploração destes recursos por parte dos Taliban, através de controlo das explorações ou do acesso às mesmas.

### **As forças internacionais**

A recusa do governo afegão em cessar o apoio à rede terrorista al-Qaeda que perpetrou os ataques de 11 de setembro de 2001 em Nova Iorque e na Pensilvânia, continuando mesmo a albergar Usama Bin Laden, está na origem da intervenção pelos Estados Unidos da América e aliados com a Operação Liberdade Duradoura “Operation Enduring Freedom”. Esta operação, anunciada pela administração norte-americana como parte da guerra contra o terrorismo global, foi desenhada para combater a al-Qaeda e os Taliban<sup>36</sup>. A Operação Liberdade Duradoura contou com um amplo apoio de estados e organizações internacionais, com diferentes níveis de participação compreendendo: cooperação; a autorização de sobrevoo de espaço aéreo; a partilha

---

<sup>34</sup> Exemplo demonstrativo desta situação de controlo exercido pelos Taliban é a registada no distrito de Alasay na província de Kapisa, situada a apenas 112 km da capital afegã (60 km em linha reta), em que os representantes das estruturas do governo estão “autorizados” pelos Taliban a ir ao *bazaar* até às dez horas da manhã.

<sup>35</sup> O Afeganistão dispõe de uma riqueza geológica notável: Lápis-lazúli, Ouro, Cobre, Ferro, Cromite, entre outros, são recursos minerais abundantes.

<sup>36</sup> Congressional Research Service, 2001. *Operation Enduring Freedom: Foreign Pledges of Military & Intelligence Support*. p. 5 [Em linha] Disponível em: <http://www.iwar.org.uk/news-archive/crs/6207.pdf> [Consult. 17 out. 2015]

de informação; o controlo e segurança das fronteiras com o Afeganistão; e a participação com forças militares. As Nações Unidas, embora tenham expressado disponibilidade para tomar todas as medidas necessárias para responder aos ataques terroristas, não autorizaram formalmente uma resposta militar aos ataques. A pedido da administração norte-americana, a NATO iniciou a primeira operação da Aliança Atlântica realizada nos termos do artigo 5º do tratado que a instituiu<sup>37</sup>. Tratou-se de uma operação de contra terrorismo denominada “Eagle Assist”, iniciada em 4 de outubro de 2001, com envolvimento exclusivo de meios aéreos<sup>38</sup> empregues na monitorização do espaço aéreo norte-americano. Adicionalmente, a NATO expressou disponibilidade para substituir forças norte-americanas envolvidas em missões de manutenção de paz que fossem transferidas para a Operação Liberdade Duradoura. Foi ainda autorizado o uso pelos norte-americanos dos meios da NATO, nomeadamente: espaço aéreo, portos, bases e recursos de informação.

Posteriormente, na sequência dos acordos de Bona, a pedido das autoridades transitórias do Afeganistão e alicerçada em resoluções do Conselho de Segurança das Nações Unidas<sup>39</sup>, foi constituída uma força militar suportada por uma coligação de países. Esta força denominada “International Security Assistance Force” (ISAF) foi comandada, até agosto de 2003, em períodos semestrais, por militares do Reino Unido, da Turquia e da Alemanha. Após agosto de 2003 e até final de 2014, a NATO<sup>40</sup> assumiu a liderança da ISAF, cuja missão consistiu em assegurar o cumprimento do compromisso que a comunidade internacional assumiu com o povo afegão, no sentido de estabilizar e desenvolver as capacidades do país. A sua ampla tarefa compreendeu a defesa e segurança das populações e do território, de forma a impossibilitar o seu uso por terroristas, bem como a capacitação das instituições do estado afegão.

Com o início da atividade insurgente, acentuaram-se as dificuldades em levar a cabo tão ampla tarefa, partilhada entre as forças militares, a missão das Nações Unidas, o Banco Mundial e as Organizações não-governamentais. A ação da ISAF, que inicialmente se cingia a Cabul, estendeu-se gradualmente a todo o território afegão, na sequência da decisão do Conselho de Segurança das Nações Unidas, expressa na resolução 1510, de outubro de 2003, que alargou a

---

<sup>37</sup> Congressional Research Service, 2001. *Operation Enduring Freedom: Foreign Pledges of Military & Intelligence Support*. p. 10 [Em linha] Disponível em: <http://www.iwar.org.uk/news-archive/crs/6207.pdf> [Consult. 17 out. 2015]

<sup>38</sup> Para mais informação sobre a operação “Eagle Assist”. [Em linha] Disponível em: [http://www.nato.int/cps/en/natohq/topics\\_110496.htm?selectedLocale=en](http://www.nato.int/cps/en/natohq/topics_110496.htm?selectedLocale=en) [Consult. 7 out. 2015]

<sup>39</sup> Resoluções do conselho de segurança das Nações Unidas números 1378, 1383 e 1386 todas de 2001.

<sup>40</sup> Após terem sido retirados os constrangimentos de atuação geográfica, na reunião de ministros de negócios estrangeiros da NATO realizada em maio de 2002, na Islândia.

área de intervenção da ISAF à totalidade do território afegão. O processo de expansão da ISAF estendeu-se, ainda em 2003, a Norte, depois, em 2005, a Oeste, seguidamente, no final de 2005, a Sul e, finalmente, em 2006, a Este. A expansão da área da ISAF foi acompanhada pela implementação de Equipas de Reconstrução Provincial “Provincial Reconstruction Teams” PRTs que, em articulação com as autoridades locais e com a missão das Nações Unidas, desenvolviam atividades para além das missões estritamente militares<sup>41</sup>. Estas entidades, embora compostas por elementos de várias nacionalidades, tinham liderança de um único país da coligação, garantindo assim uma continuidade no relacionamento com as autoridades locais. Os PRT, de acordo com prioridades estabelecidas, providenciaram segurança e suporte prático aos esforços de reconstrução e desenvolvimento, bem como apoio aos esforços de assistência humanitária conduzidos por outras entidades. Para o efeito participaram na construção de pontes, escolas e centros clínicos. Os PRT tiveram ainda participação na capacitação das instituições envolvidas na melhoria da prática governativa, no estabelecimento do primado da lei e na promoção dos direitos humanos.

A forte presença norte-americana no seio da ISAF e os desenvolvimentos surgidos, após 2003, com a invasão do Iraque, requereram a distribuição de recursos norte-americanos entre aquele cenário e o afegão. A prolongada presença militar norte-americana no Afeganistão e algum descontentamento manifestado a esse respeito pela população americana suscitaram a promessa do presidente Barack Obama de terminar a guerra no Afeganistão em 2014. Este anúncio, efetuado durante a campanha para o segundo-mandato do presidente Obama, originou o ajustamento de vários calendários, entre os quais o da ISAF.

Em final de 2014, com o termo da missão liderada pela NATO, inicia-se uma nova etapa com a Aliança a liderar uma missão de apoio, treino e aconselhamento denominada Resolute Support, que embora continue a integrar dezenas de outros estados membros, contempla quantitativos muito menores. Paralelamente, os Estados Unidos da América celebraram um acordo de apoio militar: o Acordo de Segurança Bilateral “Bilateral Security Agreement” (BSA)<sup>42</sup>. O entendimento acerca do teor deste acordo, por parte dos afegãos, incluindo militares de alta patente e políticos, é espantosamente diferente do que nele se estipula. De facto, foi

---

<sup>41</sup> NATO, 2015. *ISAF's mission in Afghanistan (2001-2014)*. [Em linha] Bruxelas: NATO. Disponível em: [http://www.nato.int/cps/en/natohq/topics\\_69366.htm](http://www.nato.int/cps/en/natohq/topics_69366.htm) [Consult. 5 out. 2015]

<sup>42</sup>Islamic Republic of Afghanistan and the United States of America, 2014. *Bilateral Security Agreement*. Kabul. Disponível em <http://www.embassyofafghanistan.org/sites/default/files/documents/BSA%20ENGLISH%20AFG.pdf> [Consult. 12 out. 2015]

frequente, durante o ano de 2015, ver altos responsáveis afegãos questionar a razão pela qual os Estados Unidos não atuavam militarmente contra os Taliban e até contra o Paquistão. A percepção generalizada de que o BSA funcionaria como um mecanismo de atuação automática contra ameaças ao estado afegão afetou mesmo as elites instruídas, que por diversas vezes questionaram a eficácia do acordo, convictos de que o mesmo assegurava a manutenção do nível de envolvimento militar prestado pelos Estados Unidos no período que antecedeu a vigência do BSA.

O planejamento norte-americano para o período seguinte a dezembro de 2014 previa uma redução gradual de forças em território afegão, até ser atingido, em final de 2016, uma força de proteção da embaixada, composta por aproximadamente 1.000 militares. Este planejamento foi sendo alvo de considerações públicas, visando a manutenção de um efetivo e capacidades superiores. A alteração ao planejamento foi inicialmente abordada pelos mais altos responsáveis afegãos e posteriormente pelo próprio Comandante das Forças norte-americanas, secundado por membros do Congresso. Seguindo a sugestão do Comandante das Forças norte-americanas, em 16 de outubro de 2015, o Presidente dos EUA anunciou a alteração do planejamento da retirada das forças militares, afirmando que será mantida a estrutura atual durante 2016 e que, em 2017, ocorrerá uma redução no efetivo de 9.800 para 5.500.

## **A Situação Atual**

### **O governo de unidade nacional**

O governo de unidade nacional, no poder desde 29 de setembro de 2014, resulta de um acordo negociado entre os dois candidatos presidenciais mais votados na primeira volta das eleições presidenciais: Ashraf Ghani e Abdullah Abdullah. O processo eleitoral, particularmente a segunda volta, registou comprovada fraude massiva por parte de ambos os candidatos, tendo por isso sido necessário efetuar um difícil processo de recontagem de votos. No final, e não obstante a evidência de fraude praticada em favor de ambos os candidatos, foi atribuída a vitória a Ashraf Ghani, na condição de celebrar um acordo que implicasse uma partilha de poder com o outro candidato, Abdullah. À difícil gênese do governo de unidade nacional acresceram fatores de complexidade adicional, tais como, a ocorrência simultânea do fim da missão militar dos Estados Unidos e da NATO, com correspondente crescimento dos níveis de insegurança e da atividade da insurgência, e ainda o pesado legado do anterior governo. De facto, o ex-Presidente Hamid Karzai, que esteve no poder durante 13 anos, estabeleceu redes de influência muito fortes,

e durante o último período do seu governo, contribuiu decisivamente para degradar as relações com as forças militares internacionais. No respeitante às redes de influência, utilizou-as para exercer um poder instável, fragmentado e frágil, baseado em acordos táticos com antigos mujahidin ou destacadas figuras poderosas, frequentemente com histórico de práticas criminosas.

Esta ação contribuiu para o estabelecimento de uma situação baseada na corrupção e no nepotismo, em que tudo se tornou negociável. Inevitavelmente, as estruturas de segurança não estiveram imunes a esta contaminação, nem se abstiveram de funcionar como instrumento da sua expansão<sup>43</sup>. Assim, foi com naturalidade que se observou o estabelecimento da prioridade do combate à corrupção pelo Presidente Ghani, na sequência do acordo do governo de unidade nacional. As restantes prioridades consistiram em melhorar o processo de paz; o estado de direito e a justiça, trabalhando, para esse efeito, na eliminação de estruturas paralelas, que ameaçam a paz e estabilidade no Afeganistão. O Presidente incluiu ainda nas prioridades: a abertura a negociações com os Taliban, tendo em vista a paz; a revisão do sistema eleitoral; o comprometimento com a justiça e responsabilidade democrática; a participação da juventude e das mulheres no governo; e o reflorescimento das relações com os Estados Unidos, com a Europa e com a comunidade internacional em geral. Este ensejo de renovar e desenvolver o relacionamento com a comunidade internacional resulta da perceção da necessidade da continuidade do apoio internacional, bem como da consciência dos danos causados pelo anterior presidente à relação com os Estados Unidos.

A designação e aprovação do elenco ministerial foi um processo muito complicado, que se iniciou com as negociações entre Ghani e Abdullah no respeitante à distribuição de pastas ministeriais, seguido pela aceitação recíproca dos nomeados. Estas negociações foram ainda mais complexas devido aos compromissos assumidos, quer pelo Presidente Ghani, quer pelo Chefe Executivo Abdullah, com os respetivos apoiantes. A retribuição de apoios teve de ser forçosamente repartida e originou exclusões que noutros cenários não se verificariam. A aprovação parlamentar dos candidatos ministeriais foi outra das dificuldades registadas. Com um parlamento eleito 5 anos antes, em condições políticas muito diferentes e maioritariamente hostil

---

<sup>43</sup> O Afeganistão ocupa as últimas posições em vários fatores avaliados no World Justice Project - Rule of Law Index, 2015. Ocupando a última posição no que diz respeito ao fator denominado "Absence of Corruption" que avalia a ausência de corrupção no governo. O fator considera três formas de corrupção: suborno, influência imprópria por interesses públicos ou privados e apropriação de fundos ou outros recursos públicos. As três formas de corrupção são examinadas no que diz respeito a autoridades governamentais no poder executivo, judicial, militar, policial e legislativo. World Justice Project, 2015. *Rule of Law Index, Washington*. [Em linha] Disponível em: [http://worldjusticeproject.org/sites/default/files/roli\\_2015\\_0.pdf](http://worldjusticeproject.org/sites/default/files/roli_2015_0.pdf) [Consult. 3 out. 2015]



a ambos os responsáveis pela nomeação dos ministros, os reveses sucederam-se. Em janeiro de 2015, seguindo-se à não-aceitação de candidatos com dupla nacionalidade, foram apresentados 19 candidatos, tendo o parlamento rejeitado 10, na sua maioria candidatos escolhidos pelo presidente Ghani<sup>44</sup>. As dificuldades foram vencidas com novas nomeações e, em final de maio, o gabinete do governo de unidade nacional apresentou-se quase completo, uma vez que o Ministro da Defesa ainda não tinha sido aprovado e atuava interinamente.



**Figura 6 – Da esquerda para a direita: ex-Presidente Karzai, President Ghani e Chief Executive Abdullah.**

Fonte: Composição própria baseada nas fotos das fontes [Em linha] Disponíveis respetivamente em: [https://en.wikipedia.org/wiki/Hamid\\_Karzai](https://en.wikipedia.org/wiki/Hamid_Karzai), <http://president.gov.af/en/page/8262/8263> e <http://ceo.gov.af/en/page/chief-executive-officer/biography> [Consult. 29 set. 2015]

Entretanto, a reforma eleitoral que visava a eliminação de condições favoráveis à fraude, ajustando as leis e estruturas eleitorais, acabou por não ter qualquer desenvolvimento até junho de 2015 e, conseqüentemente, as eleições conjuntas para o parlamento “Wolesi Jirga” e para os conselhos distritais<sup>45</sup> não se realizaram. Esta situação originou a necessidade de o Presidente determinar, por decreto, a extensão do mandato parlamentar, tendo sido apontada a realização de eleições apenas para final de 2016, subsistindo sérias reservas quanto à sua exequibilidade.

Neste contexto de grande vulnerabilidade constitucional, em que o Governo inclui uma figura não reconhecida na constituição afegã - um chefe executivo -, acresce a manutenção em exercício de um parlamento com legitimidade discutível, uma vez que terminou o mandato para que foram eleitos os deputados. Estas condições implicam que, além da já referida reforma

<sup>44</sup> O sistema político afegão é presidencialista, cabendo por isso ao presidente a formação de governo. Por sua vez a câmara baixa do parlamento dispõe do poder de aceitação dos ministros.

<sup>45</sup> De acordo com a Constituição do Afeganistão as eleições parlamentares determinam os representantes na câmara baixa “Wolesi Jirga” e as eleições para os conselhos distritais além de determinarem a sua composição elegem os senadores da câmara alta “ Meshano Jirga”. Refira-se a este propósito que será a primeira vez que se realizarão eleições distritais.

eleitoral, existe a necessidade de uma reforma constitucional que acolha a presença de Abdullah de forma institucional, com atribuição de competências. A par dos desafios já elencados, o governo de unidade nacional tem a complexa tarefa de nomear governadores provinciais, enfrentando e dirimindo interesses instituídos. De referir que algumas províncias afegãs têm áreas territoriais superiores a metade da área do território de Portugal continental. O exemplo do sucedido em Kunduz constitui a plena evidência dos riscos presentes na execução de alterações ao status quo, indevidamente suportadas e mal preparadas.

Adicionalmente, persistem rumores acerca do débil estado de saúde do Presidente afegão, que numa situação de evolução fatal colocaria no poder o Primeiro Vice-Presidente Dostum. Essa possibilidade constituiria um rude golpe no frágil equilíbrio existente na liderança do governo de unidade nacional e contribuiria para o enorme aumento do habitual sentimento de sub-representação que a comunidade Pashtun percebe. Este grupo étnico maioritário no Afeganistão ficaria somente com um representante na estrutura da presidência, uma vez que o Primeiro Vice-Presidente Dostum é Uzbeque e o Segundo Vice-Presidente Danish é Hazara. Pelo lado do Chefe Executivo, Abdullah, que é um Tajique, tem como Primeiro Vice-Chefe Executivo Mohammad Khan, que é Pashtun, e como Segundo Vice-Chefe Executivo tem Mohammad Mohaqiq, que é Hazara. Dificilmente o governo de unidade nacional suportaria uma transformação desta natureza. De toda a maneira, a sobrevivência do governo de unidade nacional não depende só dos fatores internos. A transformação observada desde o segundo semestre de 2014, no domínio da segurança resulta de iniciativa Taliban, perante uma atitude com contornos passivos assumida pelo governo. Estes desenvolvimentos criaram uma percepção generalizada de falta de capacidade e firmeza na resolução dos graves desafios com que foi confrontado e constituem um dos principais aspetos que fundamentam, não só os detratores do governo mas também uma larga parte da população. Perante a evidência de capacidade dos Taliban em executarem ataques em grande escala em qualquer parte do território afegão, não é só a oposição, que entretanto se desenvolveu em torno do ex-Presidente Karzai e de líderes mujahidin, mas também significativa parte da população que considera que o governo falhou, acrescentando ao descontentamento com a difícil situação económica<sup>46</sup> a preocupação com a segurança. No início do outono de 2015, existiam oito províncias sob significativa pressão dos

---

<sup>46</sup> Sendo a economia afegã substancialmente suportada pelo apoio internacional, o enorme esforço dos países doadores levou a uma exaustão parcial da sua capacidade em prestar auxílio ao Afeganistão, diminuindo assim os níveis de apoio financeiro.

Taliban; a Norte Badakhshan, Kunduz, Sare-Pul e Faryab, a Este Nangarhar, a Sudeste, Ghazni e a Sul Zabul e Helmand.

### **A emergência do autodenominado Estado Islâmico do Levante e do Iraque no Afeganistão**

A degradação da segurança no país tem sido ainda acompanhada pelo surgimento de uma nova ameaça ao estado afegão. Na região Este do território, particularmente na província de Nangarhar, esta nova presença tem combatido as forças Taliban e vindo a impor a sua doutrina, muito mais estrita do que a própria doutrina Taliban<sup>47</sup>, às populações dos distritos vizinhos da disputada fronteira com o território paquistanês<sup>48</sup>.

Desde meados de setembro de 2014 que se registam relatos de atividades levadas a cabo pelo ISIL no território afegão. Inicialmente, foi noticiada a distribuição de panfletos em universidades afegãs e em escassos meses surgiram informações<sup>49</sup> de atividades de recrutamento acompanhadas de relatos sobre a presença de combatentes envergando uniforme negro. A par destas informações de fontes internas, a estrutura central do ISIL divulgou mensagens<sup>50</sup> de apoio aos esforços encetados pelos seus agentes em território afegão e manifestando oposição aos Taliban.

Pelo paralelismo, mas também pelas diferenças ideológicas e religiosas, importa detalhar as matrizes respetivas do ISIL e dos Taliban. O desenvolvimento do movimento liderado por al-Baghdadi baseou-se na prática de ações violentas, recorrendo ao choque mediático para infundir terror e assim obter uma rápida expansão territorial. A radicalização<sup>51</sup> expressa nas ações foi praticada sob sustentação de uma narrativa onde pontificam a pureza do Islão, a retidão e

---

<sup>47</sup> A doutrina Taliban impõe uma visão estrita do Islamismo baseado na escola religiosa Deobandi, uma escola que se desenvolveu no sudoeste Asiático durante o século XVIII e XIX. Por seu lado a doutrina que a ISIL pretende impor é caracterizada pela intolerância generalizada com todas as outras perspectivas religiosas, baseia-se no Salafismo, movimento religioso que teve origem no atual território da Arábia Saudita e apelidado de Wahabita devido à retoma da sua base por Abdul Wahhab .

<sup>48</sup> Nos distritos de Achin, Pachier Agam, Deh Bala, Kot e Khowgiani os relatos de incidentes entre o ISIL Khorasan e os Taliban têm sido frequentes.

<sup>49</sup> Stratfor, 2015.– *The Islamic State Reaches Into Afghanistan and Pakistan*. [Em linha] Disponível em: <http://www.stratfor.com/analysis/islamic-state-reaches-afghanistan-and-pakistan#axzz3Q5oHZtK6> [Consult. 21 out. 2015]

<sup>50</sup> Em 6 de janeiro de 2015 o ISIL difundiu um vídeo onde Abdullah al-Moldovi, um insurgente Moldavo, defendeu o estabelecimento do Califado pelo ISIL e afirmava que o Emirado Islâmico do Afeganistão (designação do Afeganistão durante o domínio Taliban) não representava o Califado devido ao seu poder estar restrito aos limites fronteiriços. Al-Moldovi adiantou que só o ISIL obedece aos requisitos para o estabelecimento do Califado, constituindo-se como guardião do Islão e como entidade responsável pelos assuntos terrenos ao mesmo tempo que trava a guerra sagrada sem reconhecer fronteiras criadas pelos não crentes.

<sup>51</sup> Barrett, R., 2014. *The Islamic State*, International Crisis Group. s.l. [Em linha] Disponível em: <http://soufangroup.com/wp-content/uploads/2014/10/TSG-The-Islamic-State-Nov14.pdf> [Consult. 28 set. 2015]

integridade da comunidade Sunita e em particular da visão integralista propugnada pelos Salafistas também designados por Wahhabistas<sup>52</sup>, que inclui uma elaborada retórica de intolerância contra qualquer fórmula diferente, mesmo que ligeira, dos seus princípios. Outro elemento fundamental é a aplicação da Lei Islâmica, tal como descrita no livro sagrado, sem qualquer interpretação.

O movimento religioso Deobandi, que serve de base aos Taliban afegãos, desenvolveu-se na Índia no mesmo período em que o Wahhabismo foi fundado. O fundador do Wahhabismo, Abdul Wahhab, viveu entre 1703 e 1792 enquanto que o fundador do movimento Deobandi, Shah Waliullah nasceu igualmente em 1703 e morreu em 1762. Ambos os movimentos partilham, nas suas raízes, o movimento de ressurgimento desencadeado séculos antes pelo teólogo medieval Ibn Taymiyyah. Embora partilhem raízes comuns e reclamem o retorno à pureza original do Islão, Deobandi e Salafistas diferem num aspeto fundamental. O movimento Deobandi integra a escola Hanafi<sup>53</sup>, uma das principais escolas do Islão Sunita, que segue os ensinamentos do Iman Hanafi e, por esta razão, não pode ser tolerada pelos Salafistas que não aceitam qualquer interpretação dos textos sagrados e prescrevem uma fé estritamente dirigida para Deus. É com base neste preceito que os Salafistas consideram as práticas Shiitas e as crenças Sunitas Sufis como idolatria, uma vez que dirigem a fé para pessoas ou entidades diferentes de Deus.

Taliban e ISIL têm ainda outros pontos de discórdia: a liderança e o nacionalismo. Al-Baghdadi proclamou-se Califa e disputou inicialmente com o Mullah Omar e, agora, com o Mullah Mansour o papel de comandante dos crentes, Amir-ul-Momineen. Por sua vez, a questão do âmbito nacional do projeto Taliban e do projeto ISIL ser transnacional implica um conflito de jurisdição territorial. O nacionalismo Taliban tem estado presente no movimento desde os seus primórdios e as suas declarações de princípio “do povo e para o povo” são igualmente suportadas pelo seu suporte étnico. A relevância da componente histórica, especificamente a partilha de um passado comum, com a presença de elementos que moldam a identidade, está presente no aludido nacionalismo Taliban Constitui pois um elemento de relevo da abordagem construtivista

---

<sup>52</sup> Os seguidores de Abdul Wahhab adotaram a designação para o seu movimento de Salafismo e não Wahabismo, esta designação foi estabelecida por um Imperador Otomano.

<sup>53</sup> Lewis, M. W., 2010. *Deobandi Islam vs. Barelvi Islam in South Asia*. [Em linha] Disponível em: <http://www.geocurrents.info/cultural-geography/deobandi-islam-vs-barelvi-islam-in-south-asia#ixzz3Q5zbHRDE> [Consult. 14 set. 2015]

defendida por Alexander Wendt, considerando que as estruturas sociais são baseadas em ideias partilhadas e que as identidades e interesses dos atores se desenvolvem em torno destas ideias<sup>54</sup>.



**Figura 7 –Mullah Akhtar Mansour, contestado sucessor do Mullah Omar na liderança do movimento Taliban.**

Fonte: [Em linha] Disponível em: <http://www.khaama.com/al-qaeda-chief-ayman-al-zawahiri-pledge-allegiance-to-new-taliban-chief-9589> [Consult. 14 Out. 2015]

Durante o segundo trimestre de 2015, as atividades do ISIL passaram da divulgação e recrutamento para a ação. Envolveram-se em combate com os Taliban em zonas de controlo Taliban, com o intuito de imporem o seu modelo ideológico às populações, não se escusando para o efeito de massacrar populações e mesmo líderes religiosos. Os Taliban têm respondido ao desafio colocado pelo ISIL e os contactos entre ambos as forças têm-se sucedido, com incidência na província de Nangarhar. É sem surpresa que se identifica que o esforço da ISIL está a ser feito em áreas com prévia presença Salafista, tentando desta forma tirar partido de referências comuns. De forma a lidar com esta força concorrente, os Taliban anunciaram a criação de unidades para combater especificamente o ISIL. Este anúncio, que poderá tratar-se de mera retórica, demonstra que consideram o ISIL uma ameaça séria, particularmente perante a divisão existente nas suas fileiras, subsequente ao conhecimento da morte do Mullah Omar.

---

<sup>54</sup> Wendt, A.,1999. *Social Theory of International Politics*. Cambridge: Cambridge University Press.

## O papel do Paquistão

O Paquistão tem tido uma relação muito estreita com os desenvolvimentos políticos e militares no Afeganistão. Fruto do seu estado de permanente conflito com a Índia, o Paquistão considera o controlo dos desenvolvimentos políticos no Afeganistão como essencial para a sua existência. Devido a esta perceção, o envolvimento paquistanês é significativo desde o período em que a União Soviética esteve presente no território afegão (1979-1989), auxiliando os Estados Unidos da América com o uso do território paquistanês como ponto de apoio logístico. Este envolvimento, que decorreu em plena guerra fria num cenário bipolar, terá ainda contribuído para o seu maior afastamento relativamente à Índia<sup>55</sup>, que na época estaria mais ligada ao bloco soviético, embora integrasse formalmente o Movimento dos Países Não Alinhados.

Este contexto internacional contribuiu igualmente para uma aliança entre Paquistão e Estados Unidos da América, que terá surgido desse antagonismo com estados terceiros. É desta forma que o Paquistão se afirma como parceiro norte-americano na Ásia. Trata-se de um parceiro volúvel e esquivo, que pauta as suas ações pelos seus interesses, independentemente dos efeitos em equilíbrios regionais ou mesmo no seu parceiro norte-americano. Foi seguindo este comportamento que o Paquistão apoiou a génese do regime Taliban, no período de intensa guerra civil que se seguiu à retirada soviética e depois de os norte-americanos terem cessado o seu envolvimento e interesse no futuro do Afeganistão. A opção pelo apoio dado ao movimento Taliban resultou do falhanço em explorar a situação que se sucedeu ao colapso do governo comunista em Cabul<sup>56</sup> e por considerarem que o movimento liderado por Hekmatyar Gulbudin<sup>57</sup> não teria o acolhimento desejável no Afeganistão<sup>58</sup>. O apoio aos Taliban foi reconhecido por alguns dos mais destacados responsáveis paquistaneses, sendo exemplo desse

---

<sup>55</sup> Rid, S. A., 2015. Getting to Yes in the India - Pakistan Conflict: Addressing Indian concerns on a possible compromise with Pakistan. *Journal of Peace, Conflict & Development*, University of Bradford, Issue 21, March. [Em linha] Disponível em: <http://www.bradford.ac.uk/ssis/peace-conflict-and-development/latest-issue/getting-to-yes-in-india-pakistan-conflict.pdf> [Consult. 16 Out. 2015]

<sup>56</sup> Em 24 de abril de 1992 o governo paquistanês apostou em patrocinar e liderar um acordo de paz e governo entre os Mujahidin que ficaria conhecido pelo acordo de Peshawar.

<sup>57</sup> Hekmatyar Gulbudin é o fundador do movimento denominado Hezb-e Islami que após cisão ficou conhecido por Hezb-e Islami Gulbudin.

<sup>58</sup> Por ter bombardeado Cabul e ser muito odiado no Afeganistão. Conforme, Maley, W., 2012. *Pakistan's Stability Paradox: Domestic, Regional and International Dimensions*. Ed. Ashutosh Misra Michael E. Clarke, London and New York: Routledge.

apoio e envolvimento o célebre epíteto de “our boys”<sup>59</sup> relativamente aos Taliban, utilizado pelo Ministro do Interior paquistanês, General Naseerullah Babar, diversas vezes em declarações públicas.

Em 2001, com a intervenção liderada pelos norte-americanos, a posição do Paquistão tornou-se ainda mais complexa. O aliado norte-americano precisou e utilizou o suporte paquistanês na execução da logística necessária às operações militares, mesmo sabendo das ligações com o regime Taliban. Seguindo uma lógica puramente realista<sup>60</sup>, enquanto estado unitário e racional, durante os anos seguintes o Paquistão auxiliou os Estados Unidos da América, ao mesmo tempo que habilmente manteve apoio aos seus mais mortais inimigos. Este apoio incluiu o acolhimento massivo de Talibans, após a queda do regime em 2001, a manutenção das estruturas de liderança Taliban em território paquistanês, bem como o apoio militar<sup>61</sup> prestado maioritariamente pela agência de informações paquistanesa o “Directorate for Inter-Services Intelligence” (conhecido pela sigla ISI). A influência na insurgência afegã e o poder detido pelo ISI no contexto paquistanês são justificados pela dicotomia entre poder militar e civil que o estado paquistanês patenteia, e que resulta fundamentalmente da capitalização, pelos militares, do conflito com a Índia e da posse de armamento nuclear. As premissas Realistas, particularmente neorealistas, em que os agentes do sistema internacional buscam ganhos relativos<sup>62</sup>, são observadas no envolvimento norte-americano com o Paquistão, assim como na forma como este Estado desenvolve a sua política externa intervencionista no Afeganistão e na compensação da presença económica e militar da Índia.

### **Outros atores externos com interesses no território**

A situação do Afeganistão, pós 2001, tem envolvido inúmeros atores internacionais, entre os quais se contam as principais potências mundiais: China, Estados Unidos da América e a Federação Russa. Outros relevantes atores têm sido os vizinhos Irão e Índia, sendo que o

---

<sup>59</sup> Esta formulação evidencia um envolvimento na sua génese bem como algum nível de controlo.

<sup>60</sup> A este propósito Waltz estipula que “*they [states] are unitary actors who, at a minimum, seek their own preservation ...*” Waltz, K., 1979. *Theory of International Politics*. 1st ed. New York: McGraw-Hill.

<sup>61</sup> Este apoio incluiu não só armamento, munições, equipamentos, combustível e outros abastecimentos mas também o apoio de conselheiros militares e formadores bem como suporte económico. Conforme, Waldman, M., 2010. *The Sun in the Sky: The Relationship between Pakistan’s ISI and Afghan Insurgents*, Crisis States Research Centre, London School of Economics. [Em linha] Disponível em: <http://www.lse.ac.uk/internationalDevelopment/research/crisisStates/download/dp/dp18.pdf> [Consult. 21 set. 2015]

<sup>62</sup> Devido à inexistência de uma entidade com autoridade superior à dos estados estes apenas podem contar consigo próprio (conceito de auto-ajuda ver Waltz, K., 1979. *Theory of International Politics*. 1st ed. New York: McGraw-Hill, cap. VI.), particularmente para a sua missão principal, a sobrevivência. Nesta lógica avessa à cooperação, a atuação dos estados visa o aumento relativo de capacidades, que são essenciais para a sua sobrevivência. Isto é se o estado A tem uma capacidade superior à do estado B a preocupação de A é aumentar a diferença para B e isso pode incluir ambos perderem capacidades.

primeiro não se tem abtido de alegadas alianças táticas<sup>63</sup> com os Taliban, não obstante um contencioso relevante devido ao assassinato de diplomatas Iranianos em 1997. A Índia devido ao permanente conflito com o Paquistão, exerce um contraponto ao relacionamento entre Afeganistão e Paquistão, sendo a alternativa para projetos e investimento, sempre que as relações com o Paquistão se mostram mais conturbadas. Desta forma, a Índia tem contrabalançado o papel do Paquistão em importantes investimentos, como sejam contratos de fornecimento de armamento ou projetos viários de grande impacto.

No capítulo das potências mundiais, a China tem tido um papel relativamente discreto, considerando a proximidade geográfica e a partilha de fronteira, contrastando notavelmente com o envolvimento norte-americano, que liderou as forças que depuseram o regime Taliban e participou em 13 anos de guerra e reconstrução/transformação. Por seu lado, a Federação Russa tem um envolvimento histórico com o Afeganistão muito relevante. O último capítulo quente da guerra fria decorreu no território afegão e, atualmente, são inúmeras as mensagens de Moscovo visando uma maior influência no controlo dos efeitos da insurgência, sob pretexto da ameaça securitária imanente do território afegão para as ex-repúblicas soviéticas, cujo efeito spillover poderá afetar a segurança da Federação Russa. As aspirações da Rússia em exercer influência e controlo sobre as ex-repúblicas a norte do território afegão concorrem diretamente com a oportunidade de ajustar contas, relativamente a um dos episódios mais traumáticos da sua história, realçando o insucesso das forças lideradas pelos Estados Unidos da América e propondo a instituição de uma nova parceria. Estas propostas têm tido acolhimento e reciprocidade junto de antigos aliados e adversários<sup>64</sup>.

## **Considerações finais**

Conversações de paz bem-sucedidas ou novo caos? Os recentes desenvolvimentos geram enorme incerteza quanto ao futuro do Afeganistão, se considerarmos que:

- Após um ano de governação, o elenco ministerial ainda não está completo;
- Subsiste a dependência económica da comunidade internacional;

---

<sup>63</sup> Existem evidências de financiamento Iraniano aos Taliban com o intuito de manter uma presença antigovernamental relevante que impeça a concretização de barragens que poderão reduzir caudais disponíveis em território Iraniano ou gerar energia que substituiria o fornecimento transfronteiriço de eletricidade.

<sup>64</sup> Em 12 de outubro de 2015 o Primeiro Vice-Presidente General Dostum afirmou que durante a sua recente visita a Moscovo, as autoridades Russas expressaram preocupação com a segurança no Afeganistão e terão prometido equipar as forças afegãs.



- A situação de segurança está no pior registo desde 2001, com os Taliban a constituírem uma séria ameaça em oito províncias;
- Os Estados Unidos da América protelaram o processo e o ritmo de retirada do país;
- A ISIL está a estruturar-se e disputa com os Taliban zonas de influência.

Considerando, ainda, a contestação política ao governo de unidade nacional, as ambições dos mujahidin e as questões constitucionais em torno do sistema eleitoral, da realização das eleições e da revisão constitucional, o futuro do Afeganistão está repleto de dificuldades e desafios. Porém, subsiste uma possibilidade favorável, no curto prazo: a retoma das conversações com os Taliban, interrompidas com o anúncio da morte do Mullah Omar. Recentemente, houve mesmo uma manifestação dessa intenção por parte dos Taliban numa mensagem reproduzida na comunicação social<sup>65</sup>. Até ao presente, o apoio do Paquistão a conversações tem sido decisivo, sendo admissível e desejável que a China e os Estados Unidos da América exerçam significativa pressão para que seja realizada uma nova ronda negocial. Paralelamente o envolvimento da comunidade internacional no apoio à continuação da estruturação do estado e da economia afegã é tão decisivo como o processo de conversações.

Importa realçar o papel do Paquistão no conflito afegão, à luz da teoria das relações internacionais, tendo em conta que:

- Está tão envolvido no conflito que a sua atuação futura condicionará o sucesso de qualquer processo de paz;
- Se considera ameaçado, quer pelo seu inimigo tradicional, a Índia, quer por qualquer desenvolvimento em Cabul que não ocorra sob seu controlo.

Neste contexto, importará que a comunidade internacional continue e incremente os esforços para diminuir a perceção de ameaças à preservação do ator Paquistão, tomando iniciativas que visem a redução da tensão indo-paquistanesa e promovendo ações que contribuam para reduzir o receio de um governo afegão sem controlo paquistanês.

---

<sup>65</sup> Gul, A., 2015. Taliban: Ready For 'Meaningful' Talks, *Voice of America*, [Em linha] 15 outubro. Disponível em: <http://www.voanews.com/content/taliban-ready-for-meaningful-talks-to-end-war/3007260.html> [Consult. 18.out.2015]

## Bibliografia

Banco de Desenvolvimento Asiático. Regional: Turkmenistan-Afghanistan-Pakistan-India Natural Gas Pipeline Project, Phase 3 [Em linha] Disponível em:

<http://www.adb.org/projects/44463-013/main> [Consult. 29 out. 2015]

Barrett, R., 2014. The Islamic State, International Crisis Group. s.l. [Em linha] Disponível em:

<http://soufangroup.com/wp-content/uploads/2014/10/TSG-The-Islamic-State-Nov14.pdf>

[Consult. 28 set. 2015]

Couto, A., 1989. Elementos de Estratégia – Apontamentos para um Curso. Vol. II, Lisboa: Instituto de Altos Estudos Militares.

Crawford, N., 2015. War-Related Death, Injury, and Displacement in Afghanistan and Pakistan 2001 – 2014, Watson Institute International & Public Affairs, Brown University, Costs of War. [Em linha] Disponível em:

<http://watson.brown.edu/costsofwar/files/cow/imce/papers/2015/War%20Related%20Casualties%20Afghanistan%20and%20Pakistan%202001-2014%20FIN.pdf> [Consult. 23 out. 2015]

Dawi, A., 2014. Despite massive Taliban death toll no drop in insurgency. Voice of America. [Em linha] March 06. Disponível em:

<http://www.voanews.com/content/despite-massive-taliban-death-toll-no-drop-in-insurgency/1866009.html> [Consult. 13 out. 2015]

Fescharek, N., 2013, The German Police Project Team (GPPT) and the “Capacity To Do Capacity Building”, Recherches & Documents, [Em linha] 10. Disponível em:

[http://www.academia.edu/7946725/RD\\_201310-5](http://www.academia.edu/7946725/RD_201310-5) [Consult. 7 out. 2015]

Giustozzi, A., et al., 2012. Shadow Justice: How the Taliban run their judiciary?, Kabul: Integrity Watch Afghanistan.

Gleditsch, N. P. et al, 2002. Armed Conflict 1946–2001: A New Dataset. Journal of Peace Research. [Em linha] 39(5), pp. 615–637 Disponível em:

[http://www.uky.edu/~clthyn2/PS439G/readings/gleditsch\\_et\\_al\\_2002.pdf](http://www.uky.edu/~clthyn2/PS439G/readings/gleditsch_et_al_2002.pdf) [Consult. 17 out. 2015]

Gul, A., 2015. Taliban: Ready For 'Meaningful' Talks, Voice of America, [Em linha] 15 outubro. Disponível em:

<http://www.voanews.com/content/taliban-ready-for-meaningful-talks-to-end-war/3007260.html> [Consult. 18.out.2015]

Hewad Afghanistan, s.d., The ethnic composition of afghanistan in different sources. [Em linha] Disponível em:

<http://www.hewad.com/ethnic.htm> [Consult. 21 set. 2015]

Islamic Republic of Afghanistan and the United States of America, 2014. Bilateral Security Agreement. Kabul. Disponível em:

<http://www.embassyofafghanistan.org/sites/default/files/documents/BSA%20ENGLISH%20AFG.pdf> [Consult. 12 out. 2015]

Keohane, R.; Nye J., 2001. *Power and Interdependence: World Politics in Transition*. New York: Longman. 3ª Ed.

Leigh, R., 2010. *Thinking the Unthinkable: Civil War in Afghanistan*, Fort Leavenworth, Kansas: School of Advanced Military Studies United States Army Command and General Staff College. [Em linha] Disponível em: [www.dtic.mil/dtic/tr/fulltext/u2/a536459.pdf](http://www.dtic.mil/dtic/tr/fulltext/u2/a536459.pdf) [Consult. 19 Dez. 2015]

Lewis, M. W., 2010. *Deobandi Islam vs. Barelvi Islam in South Asia*. [Em linha] Disponível em: <http://www.geocurrents.info/cultural-geography/deobandi-islam-vs-barelvi-islam-in-south-asia#ixzz3Q5zbHRDE> [Consult. 14 set. 2015]

Maley, W., 2012. *Pakistan's Stability Paradox: Domestic, Regional and International Dimensions*. Ed. Ashutosh Misra Michael E. Clarke, London and New York: Routledge.

NATO, 2015. *ISAF's mission in Afghanistan (2001-2014)*. [Em linha] Bruxelas: NATO. Disponível em: [http://www.nato.int/cps/en/natohq/topics\\_69366.htm](http://www.nato.int/cps/en/natohq/topics_69366.htm) [Consult. 5 out. 2015]

Rid, S. A., 2015. *Getting to Yes in the India - Pakistan Conflict: Addressing Indian concerns on a possible compromise with Pakistan*. *Journal of Peace, Conflict & Development*, University of Bradford, Issue 21, March. [Em linha] Disponível em: <http://www.bradford.ac.uk/ssis/peace-conflict-and-development/latest-issue/getting-to-yes-in-india-pakistan-conflict.pdf> [Consult. 16 Out. 2015]

Romano, A., 2003. *A Historical Atlas of Afghanistan*. New York: The Rosen Publishing Group.

Ruttig, T., 2010. *How Tribal Are the Taleban*, Afghanistan Analysts Network. [Em linha] Disponível em: <http://www.afghanistan-analysts.org/wp-content/uploads/downloads/2012/10/20100624TR-HowTribalAretheTaleban-FINAL.pdf> [Consult. 27 set. 2015]

Sambanis, N., 2004. *What is Civil War? Conceptual and Empirical Complexities of an Operational Definition*. *The Journal of Conflict Resolution*, [Em linha] 48(6), pp. 814–858 Disponível em: [http://www.jonathanmpowell.com/uploads/2/9/9/2/2992308/sambanis\\_2004jcr\\_-\\_what\\_is\\_civil\\_war.pdf](http://www.jonathanmpowell.com/uploads/2/9/9/2/2992308/sambanis_2004jcr_-_what_is_civil_war.pdf) [Consult. 29 Out. 2015]

Small, M. & Singer, J.D., 1982. *Resort to Arms: International and Civil War, 1816-1980*, Beverly Hills, Calif.: Sage.

Stratfor, 2015.– *The Islamic State Reaches Into Afghanistan and Pakistan*. [Em linha] Disponível em:

<http://www.stratfor.com/analysis/islamic-state-reaches-afghanistan-and-pakistan#axzz3Q5oHZtK6> [Consult. 21 out. 2015]

The World Bank, 2015. Data by Country: Afghanistan. [Em linha] Washington D.C.: The World Bank. Disponível em: <http://data.worldbank.org/country/afghanistan?display=map> [Consult. 11 out. 2015]

United States of America, Department of Defense. 2015. Enhancing Security and Stability in Afghanistan. [Em linha] Disponível em: [www.defense.gov/Portals/1/Documents/pubs/1225\\_Report\\_Dec\\_2015\\_-\\_Final\\_20151210.pdf](http://www.defense.gov/Portals/1/Documents/pubs/1225_Report_Dec_2015_-_Final_20151210.pdf) [Consult. 17 dez. 2015]

Waldman, M., 2010. The Sun in the Sky: The Relationship between Pakistan's ISI and Afghan Insurgents, Crisis States Research Centre, London School of Economics. [Em linha] Disponível em: <http://www.lse.ac.uk/internationalDevelopment/research/crisisStates/download/dp/dp18.pdf> [Consult. 21 set. 2015]

Waltz, K., 1979. Theory of International Politics. 1st ed. New York: McGraw-Hill.

Wendt, A., 1999. Social Theory of International Politics. Cambridge: Cambridge University Press.

World Justice Project, 2015. Rule of Law Index, Washington. [Em linha] Disponível em: [http://worldjusticeproject.org/sites/default/files/roli\\_2015\\_0.pdf](http://worldjusticeproject.org/sites/default/files/roli_2015_0.pdf) [Consult. 3 out. 2015]

## **Recursos em linha**

“Eagle Assist” [Em linha] Disponível em: [http://www.nato.int/cps/en/natohq/topics\\_110496.htm?selectedLocale=en](http://www.nato.int/cps/en/natohq/topics_110496.htm?selectedLocale=en) [Consult. 7 out. 2015]

National Democracy Institute, s.d., Afghanistan Election Data. [Em linha] Disponível em: <http://afghanistanelectiondata.org/open/maps/tiles/afghanistan-ethnic-groups> [Consult. 7 out. 2015]

Sítio Internet dos Taliban. Fonte [Em linha] Disponível em: <http://shahamat-english.com/> [Consult. 1 nov. 2015]

Sondagem de opinião elaborada em 2009 pelas televisões ABC News, BBC e ARD German TV [Em linha] Disponível em: <http://abcnews.go.com/images/PollingUnit/1083a1Afghanistan2009.pdf> [Consult. 20 out. 2015]



EDITORIAL: REVISTACIENCIASMILITARES@IESM.PT  
TELEFONE: 213002153 | 213002151  
MORADA: RUA DE PEDROUÇOS - 1449-027 LISBOA



CAPA  
COMPOSIÇÃO GRÁFICA  
TENENTE-CORONEL - TINF RUI JOSÉ DA SILVA GRILO  
SOBRE GRAVURA DE  
TENENTE-GENERAL VÍTOR MANUEL AMARAL VIEIRA